ANO DE VIBRAÇÕES CIVICAS

Palavras com que o Exmo. Sr. Presidente do Instituto, General **Professor Doutor Carlos Studart Filho** abriu os trabalhos da Solene Sessão Comemorativa do Sesquicentenário da Independência do Brasil, no dia 1.º de Setembro de 1972.

Cabe-nos a honra, na qualidade de Presidente do Instituto do Ceará, de dar início aos trabalhos desta sessão extraordinária, que é, na verdade, mais uma festa cívica das muitas programadas por determinação dos Altos Poderes da República, (com a colaboração prestadia do Exmo. Sr. Governador César Cals,) para comemorar o Sesquicentenário da nossa Independência.

Parece interessante e oportuno ressaltar que 1972 tem sido, como nenhum outro, o ano das vibrações cívicas e das exaltações patrióticas. Despertadas e estimuladas, em todas as classes sociais, pela política educacional de S. Exa. o Sr. Presidente da República, essas sadias sobreexcitações do espírito vêm tendo, como resultado feliz, a glorificação de vultos preeminentes do Panteão Brasileiro, entre os quais sobressai e se alteia a figura varonil, fascinante e contraditória do nosso Primeiro Imperador, o homem forte que marcou o destino de duas Pátrias irmãs, separando-as e lhes dando governos constitucionais, quando, por toda parte, ressurgia o despotismo, e a quem hoje o país inteiro merecidamente apologisa a reverencia.

Não apenas as criaturas extraordinárias que fizeram a nossa Independência, estão a receber, neste ano de remembranças e oportunos entusiasmos, as reverências a que fizeram jus por suas façanhas memoráveis, mas igualmente, personagens excelsas, alheias aos sucessos de 7 de setembro de 1822, como que emergem, em todos os Estados da República, das páginas ricas da nossa história e são galardoados pelo povo com novas apoteoses.

No Rio de Janeiro, os 18 de Copacabana viram-se, mais uma vez, festejados como autênticos heróis que foram; no Ceará, os Abolicionistas e Sampaio e Castelo Branco tiveram também justas honrarias. Minas tributa à memória de Tiradentes homenagens nunca dantes igualadas e S. Paulo celebra, com pompas e galas, a passagem do quarto decênio da chamada Revolução Constitucionalista.

E porque vivemos em clima de salutar exaltação patriótica, de apropositado enaltecimento de nossos grandes homens, e de suas ações relevantes, não nos parece inoportuno — antes de darmos a palavra ao sempre admirado orador desta noite, mestre Denizard Macêdo chamar a atenção para uma das datas mais sugestivas e, ao mesmo tempo, mais sombrias de nossa crônica política.

Queremos nos referir ao infausto 27 de novembro de 1935, dia em que ocorreu a tentativa comunista de tomar o poder e foram assassinados, no 3.º Regimento de Infantaria, o Ten. Coronel Misael de Mendonça, Majores Armando de Sousa Melo e João Ribeiro Pinheiro e Capitães Danilo Paladino, Geraldo de Oliveira e Benedito Lopes Bragança, quando, "por dever patriótico e constitucional, se encontravam no desempenho de sua precípua função de garantidores dos poderes do Estado, da lei e da ordem".

Citando, no ambiente austero da Casa do Barão de Studart, os nomes dos heróis-mártires que, naquela lúgubre manhã, pereceram vítimas da traição e da insídia de maus brasileiros, para de novo apontá-los à veneração pública — tal como procedemos sempre que para isso se nos deparam ocasiões azadas — não nos move o propósito de clamar por vingança. Não pretendemos pregar a guerra, a destruição, a violência e a morte, consoante fazia Catão, o antigo, ao pronunciar a sua inesquecível terrífica sentença: — **Hoc conseo, et Carthaginem esse delendam.** A nossa Delenda Cartago, é mais pacífica visa apenas a admoestar os menos acautelados dos perigos letais que nos ameaçam e por de sobreaviso os ingênuos, os desprevenidos e, sobretudo, aqueles que ainda crêem que idênticos princípios éticos possam governar povos sob regimes políticos antagônicos. Assim o fazemos, porque o entreguismo vermelho continua vivido e atuante e nós não podemos assistir apáticos à progressiva bolchevisação de nossa pátria. Terminando, senhores, relembraremos, como uma nova advertência, as palavras inspiradas, lapidares, e sempre atuais do preclaro Brigadeiro Eduardo Gomes, ínclito varão de tantos feitos edificantes, quando disse: "O preço da liberdade é a eterna vigilância".